

A MULHER PORTUGUESA NA DÉCADA 60 E SEU LUGAR DE FALA NO ROMANCE *TRIUNFO*, DE SARA BEIRÃO

Michelle Thalyta C. A. PEREIRA *

- **RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo realizar uma análise do romance *Triunfo* (1965), de Sara Beirão, em vista de discutir a representação da mulher portuguesa na década de 60 e sua potencialidade em romper com a tradição que limitava seus direitos. O enredo apresenta a família Gamboa e seus problemas financeiros. Dos cinco irmãos “órfãos”, Raquel torna-se o guia em busca de soluções para a situação financeira da família. Ao decorrer da trama, foram evidenciadas as formas de manifestação da inteligência da protagonista, à época, considerada sem espaço de vez e de voz. Por meio das reivindicações apresentadas no romance, tanto pela personagem Raquel como por alguns de seus interlocutores, é possível observar que a voz autoral traz ênfase à autonomia feminina, embora se trate, ainda, de um contexto patriarcal. Como aporte teórico para esse estudo, as discussões foram guiadas por meio dos críticos e teóricos, a exemplo de Chatarina Edfeldt (2006), Célia Rosa Costa (2021), Fabio Mario da Silva (2014), Gayatri Spivak (2010), Heleieth Saffioti (1976), Isabel Lousada (2015), João Esteves (2001), Manuela Tavares (2008), dentre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Romance. Autoria feminina. Sara Beirão. Questões de gênero. Condição da mulher.

Introdução

O romance *Triunfo*, publicado em 1960, integra a obra de Sara Beirão, escritora que conquistou um lugar de relevo na Literatura Portuguesa, devido a sua mobilização em prol das lutas pelos direitos das classes minoritárias, em especial as mulheres. O conjunto de suas obras inclui artigos para jornais e revistas, contos e, especialmente, romances, com doze obras publicadas, as quais representam, em parte, um ato de resistência em oposição a ações machistas e opressivas contra as mulheres.

* UEPB - Universidade Estadual da Paraíba - Faculdade de Letras - Departamento de Letras e Artes - Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande – PB – Brasil. 58.429-570 - michelle.pereira@aluno.uepb.edu.br.

A literatura produzida por mulheres é conhecida pelas suas reflexões, abordando questões de gênero e reivindicando os direitos das mulheres que foram ignorados por grande parte das produções literárias tradicionais. Ela se destaca ao apresentar em seus escritos práticas que rompem com o tradicionalismo que excluía as classes menos privilegiadas das atividades intelectuais. Não é possível discutir a literatura feminina portuguesa sem mencionar as várias escritoras que foram importantes nessa luta por direitos, aqui destaco as “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa), que desafiaram o sistema patriarcal opressor ao publicarem as *Novas Cartas Portuguesas*, em 1972. Essa publicação teve um impacto significativo e contribuiu para avanços importantes na história das mulheres em Portugal.

Foi a partir desse confronto entre a expressão literária feminina e as normas tradicionais que as “Três Marias” abriram caminho para que outras mulheres lutassem por seu espaço dentro do cânone literário. De acordo com Nelly Novaes Coelho (1999, p. 122), a literatura feminina é uma “[...] problemática transgressora que se manifesta através de uma linguagem também transgressora das normas consagradas”, ou seja, essa nova forma de escrita desafiou as normas impostas pela classe dominante, buscando liberdade de expressão não apenas no meio intelectual, mas também nas esferas social, política e cultural.

Segundo João Esteves (2001, p. 87), “[...] com o despertar da consciência feminina, é que as suas reivindicações ganharam forma” em diversos setores sociais e culturais, incluindo a literatura, com mulheres que, por meio de seus escritos, orientavam, apoiavam e acolhiam a luta feminista. Neste contexto, Isabel Lousada ressalta a importância dos movimentos sociais como agentes de transformação:

Hoje, como ontem, faz sentido a mobilização, tendente a dar ampla notícia das conquistas feministas de modo a que haja uma expectativa de vitória ancorada num passado de luta alicerçado em movimentos sociais (Lousada, 2015, p. 50).

Os movimentos sociais têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel crucial nas conquistas das mulheres. A partir deles, a história das mulheres tem sido reescrita, assegurando-lhes espaço e voz na sociedade. Graças a esses avanços e à disseminação da literatura escrita por mulheres, hoje conseguimos enfatizar os escritos femininos, sendo importante destacar que hoje o cânone não é apenas composto por obras escritas por homens da classe dominante, embora não contemple ainda um campo de autorias mais amplo, heterogêneo e plural, o qual abrangia escritores de grupos minoritários como deveria. Neste contexto, a presente pesquisa destaca a figura de Sara Beirão, uma romancista proeminente para a literatura de autoria feminina, que, por meio de sua escrita, se empenhava em desfazer as marcas da desigualdade de gênero enraizada na cultura patriarcal.

Movida pela determinação de lutar pelos direitos, a escritora direcionava seus escritos no intuito de conscientizar as mulheres acerca de seus direitos. Conforme Célia Rosa Costa (2021), “[...] pode-se afirmar que Sarah Beirão deu continuidade a uma nova geração de mulheres” que se destacaram na história de Portugal por desafiar o tradicionalismo que anteriormente silenciara suas vozes.

Explorar suas obras, portanto, é realizar uma volta ao passado da sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, compreender, no presente, as reverberações frutíferas de seu legado estético e político, sendo uma fonte rica de informações sobre a sociedade, cultura, economia e as diferentes regiões de Portugal. Em um cenário frequentemente bucólico e romantizado, encontram-se reflexões acerca da condição da mulher portuguesa, suas lutas e conquistas na busca por romper as barreiras do tradicionalismo. Segundo Luiza Lobo (2011), desde o final do século XIX e especialmente ao longo do século XX, a literatura de autoria feminina passou por uma transformação significativa: as escritoras passaram a se conscientizar de sua liberdade e autonomia, bem como da possibilidade de conquistar independência financeira por meio de atividades jornalísticas, diplomáticas e educacionais.

Esse processo é evidente nos romances de Sara Beirão, que, mesmo de forma ficcional, apresenta histórias envolvendo mulheres transgressoras que desafiaram o sistema e alcançaram sua liberdade e autonomia. Tais relatos trazem força para as ideias libertárias de ser possível conquistar espaços e fazer-se ouvir em uma sociedade tradicional, embora isso só seja possível por meio de luta e resistência contra as práticas opressivas arraigadas em uma sociedade patriarcal.

O romance *Triunfo*, objeto deste estudo, exemplifica como a autora aborda essa questão, a partir dos dilemas socioeconômicos enfrentados pela família Gamboa. A obra propõe uma crítica aos costumes tradicionais de uma família que, embora enfrentasse sérias dificuldades financeiras, buscava manter uma vida de aparências e, com isso, permanecer inserida na elite social. Essa situação é o ponto de partida para o problema central tratado na obra: as barreiras sociais que impedem o protagonismo social feminino.

Por meio da protagonista Raquel e de alguns de seus interlocutores, a narrativa coloca em evidência várias formas de expressão da inteligência feminina, culminando na conquista da autonomia da mulher. Dessa maneira, o drama se solidifica como um movimento social capaz de influenciar os padrões estabelecidos da época. No próximo tópico, propõe-se uma análise concisa do discurso e das ações da protagonista, destacando sua coragem ao tentar resolver as questões financeiras de sua família.

Raquel: a busca da autonomia feminina na sociedade patriarcal

Chatarina Edfeldt (2006, p. 13), em sua obra intitulada *Uma história na História: representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do*

século XX, destaca que “[...] nada tem de estranho interpretar, nos estudos literários, um texto de autoria feminina como sendo uma experiência feminina”. Este estudo tem como base o romance previamente mencionado, que apresenta um discurso feminista baseado em uma experiência de autonomia feminina. O enredo progressivamente desconstrói a imagem da mulher submissa aos padrões tradicionais da época, rompendo com as ideologias dominantes.

De acordo com Manuela Tavares (2008, p. 565), “[...] a década de 1960 foi a época do início de grandes rupturas com concepções conservadoras sobre o papel das mulheres na sociedade. Foi o tempo do despertar dos movimentos de libertação das mulheres”. A partir desses movimentos de libertação, as mulheres passaram a conquistar espaços que anteriormente lhes eram negados, com “[...] as reivindicações feministas buscando uma completa igualdade dos direitos e oportunidades entre os sexos na sociedade” (Edfeldt, 2006, p. 144).

Dentro dessa perspectiva, o enredo retrata as dificuldades financeiras da família Gamboa, como pode ser observado no trecho a seguir: “Gente rica não havia. Existia as ruínas de um velho palácio brasonado que pertencia à família Gamboa, fidalgos de grande nomeada e poucos haveres.” (Beirão, 1965, p. 05). Já nas primeiras linhas do romance, é possível perceber que a família Gamboa se esforçava para manter viva a tradição familiar. Eles eram uma família nobre e de destaque na região, que enfrentavam dificuldades financeiras nos últimos tempos, fato este que punha em risco o seu renome: “Eram cinco irmãos, todos solteiros. Cedo ficaram órfãos, amparando-se mutuamente e aguentando a custo as aparências.” (Beirão, 1965, p. 05). Diante dessa difícil realidade, a fim de manter laços com a alta classe, os irmãos:

Recebiam frequentemente a nobreza das cercanias e as pessoas gradas da terra, em serões íntimos a que geralmente imprimiam certo cunho artístico, recitando, cantando e tocando ou lendo algum trecho interessante de livro acabado de aparecer (Beirão, 1965, p. 06).

Esses costumes eram essenciais para manter uma fachada financeira que já não correspondia à realidade econômica da família Gamboa. A verdade é que entre os irmãos, o que mais insistia em perpetuar essa vida de aparências para preservar o *status quo* era Fernando, o único homem da família. Devido à sua posição de homem em uma sociedade patriarcal, recaía sobre ele a expectativa de resolver a situação que assombrava suas irmãs. No entanto, ele continuava sem demonstrar interesse em enfrentar a realidade financeira e buscar uma mudança.

Dentre as irmãs de Fernando, destaca-se Raquel, a que apresenta um maior nível de maturidade e aceitação da condição financeira familiar. A partir de uma conversa com o senhor Vigário, um grande amigo e confidente da família, teve a oportunidade ideal para buscar conselhos e expor suas ideias, incluindo seu

plano para mudar a situação financeira da família. Esse plano envolvia a viúva Rita de São Simão, que tinha um filho de quatorze anos chamado José. O jovem José, cheio de sonhos, se via limitado pela sua condição financeira, realidade que o mantinha preso em uma classe social desfavorecida. Apesar das dificuldades após a morte do pai, José sonhava em adquirir bois para iniciar um trabalho e melhorar de vida.

Esse desejo de transformação chamou a atenção de Raquel, que desejava encontrar em seu irmão Fernando um espírito tão corajoso e determinado quanto o de José. A jovem ansiava por ver em Fernando a mesma vontade de lutar por seus objetivos. Impressionada pela determinação do jovem filho da Rita em transformar sua vida, Raquel logo concebeu a ideia de ajudá-lo, uma ação ousada dadas as circunstâncias delicadas de sua família, à beira da falência. Ela considerava realizar um empréstimo, estando disposta a hipotecar alguns dos poucos bens que lhe restavam. Com os fundos provenientes desse empréstimo, ela planejava adquirir bois e colocá-los sob os cuidados de José, o que geraria lucros tanto para sua própria família quanto para ele.

Raquel buscou a orientação do Vigário, um homem sábio e experiente, cujos conselhos eram de suma importância para ela. Rapidamente, o Vigário se envolveu no plano, aconselhando-a sobre os riscos de seu plano. Mesmo com suas ressalvas, o Vigário resolve apoiar a moça:

– Senhor Vigário, tenho um plano que vou contar-lhe e que não porei em prática sem a sua aprovação... Queria só ouvir a sua opinião, mais nada. Como sabe, nós não temos dinheiro, mas estão por aí essas propriedadezinhas que também não valem muito, e sobre elas podia pedir emprestada qualquer importância que não excedesse o seu valor.

– Isso não será arriscado, Raquel?

– Na venda dos bois podia também ganhar-se qualquer coisa que desse para os juros. Não posso falar nisto ao Fernando, porque fazia logo um barulho que ninguém o aturava. Hipotecava a minha legítima, que é em S. Simão, como sabe, ao Dr. Cordeiro. Aquilo há-de valer mais do que uma junta de bois não lhe parece?

– O pior é se os bois morrem – insistia o Vigário.

– Que ideia trágica!... Não morrem bois a ninguém, e logo haviam de morrer esses...

– O garoto é muito pequeno ainda...

– Mas tem a mãe, ativa e esperta, que nunca deixou de pagar a renda desde que o homem morreu, e no tempo dele, andavam sempre atrasados. (Beirão, 1965, p. 11-12).

Através dessa atitude ousada, a jovem quebra as correntes da subserviência que a sociedade patriarcal impunha às mulheres. A ação de Raquel mostrou-se audaz, sobretudo por estar inserida em uma era em que “[...] as mulheres, quase sempre, foram afastadas dos papéis de protagonistas, mantidas no silêncio da reprodução materna e da vida doméstica” (Silva, 2014, p. 109). Neste momento, começa-se a emergir sua autonomia, assumindo os riscos por conta própria para resolver a situação da sua família:

– Estou decidida. Creia que isto me tem tirado o sono por não ter podido desabafar com ninguém. O Fernando vê em tudo desastres, roubos, tragédias... As minhas irmãs não atendem a nada. A Clementina pensa em si, a Cândida nas flores, e a outra é uma doente... Tenho passado noites a ruminar no caso (Beirão, 1965, p. 12).

Mesmo que estivesse envolta por algumas dúvidas, ela segue adiante com seu plano, contando com a ajuda do senhor Vigário, que vai até o Dr. Cordeiro para intermediar a negociação:

– Há uma pessoa que necessita de uma importância com urgência. Mas esse empréstimo tem de ser em segredo. Claro que a pessoa deixa em seu poder valores que cobrem a soma precisa. Esses objectos estão já em minha casa. Não os trouxe agora, para não dar nas vistas, e mesmo porque não sabia se o amigo estava disposto a emprestar a quantia em questão.

– Bastava o pedido ser feito por intermédio do senhor Vigário para o empréstimo me oferecer todas as garantias... Além disso, com objectos penhorados, não há perigo. Pode saber-se de quem se trata?

– Tem que saber mesmo... O segredo é de três e todos nós somos pessoas de palavras. O dinheiro é para Raquelita Gamboa.

O Dr. Cordeiro deu um salto na cadeira e a fisionomia tomou uma expressão de assombro, que o Vigário não podia ver.

– Para a Raquel Gamboa? Mas então ela, a mais nova, é que há-de suprir as faltas da família? (Beirão, 1965, p. 46-47).

A surpresa do Dr. Cordeiro era previsível, uma vez que naquela época as mulheres estavam confinadas aos padrões tradicionais, os quais as mantinham em silêncio, impedindo-as de concretizar seus desejos e vontades. Apesar do risco, pois “[...] pedir dinheiro ao Dr. Cordeiro correspondia a uma facada profunda” (Beirão, 1965, p. 49), Raquel optou por seguir seu instinto. Como uma mulher inteligente, ela não se acovardava em lutar por seus ideais, avançando com seu plano de forma resiliente.

Após superar o primeiro obstáculo, o senhor Vigário, logo após sua conversa com o Dr. Cordeiro, voltou com satisfação para informar Raquel sobre o desenrolar dos acontecimentos. Detalhadamente, ele relatou os eventos do dia anterior, deixando Raquel atônita. Ela comentou: “– Não esperava isso do Dr. Cordeiro... É verdade que ele era muito próximo da nossa família nos tempos de meus pais, mas quase desapareceu de nosso convívio agora...” (Beirão, 1965, p. 58).

De acordo com Aldinida Medeiros (2021), nos enredos dos romances de Sara Beirão, encontramos uma ou outra fala em defesa da mulher, conforme os parâmetros da época, na qual apresenta a potencialidade feminina. Aqui nesse estudo destacamos Raquel, que mesmo estando inserida em uma sociedade tradicional que aderira às normas patriarcais, tinha qualidades que transcendiam sua época. Isso era evidenciado nas palavras do senhor Vigário, o qual notava essas características em sua personalidade:

- [...] És um anjo de ideias novas e avançadas.
- Anjo sem asas, que pensa, reflete e acha que o mundo não está muito bem...
- Há de modificar-se lentamente... Roma não se fez num dia...
- Não era só para mim que queria direitos, era para essa metade da humanidade sofredora que atravessa a existência deprimida e escorraçada. (Beirão, 1965, p. 67).

O discurso de Raquel ressoava como o de uma militante, revelando uma forte consciência da necessidade de lutar pelos direitos das mulheres, que eram muitas vezes sufocados pelas tradições machistas. Conforme apontado por Heleieth Saffioti (1976, p. 56), “[...] torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana... reivindica direitos e deveres consentâneos com a sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social”. A postura de Raquel destacava sua indignação em relação à situação das mulheres na época: A vida do campo é dura... – Especialmente para a mulher, a vítima escolhida sobre a qual caem sem dó nem piedade todas as diabruras do destino” (Beirão, 1965, p. 67). Através de suas palavras, fica evidente que a mulher daquela época era frequentemente privada de voz e oportunidades:

- Quando a roda desanda e tudo falta, a mulher é o bode expiatório... Pobre desprotegida do destino, notoriamente desprezada no nosso país e, muito particularmente, na nossa província. É uma fatalidade ser mulher, meu querido amigo...
- Sempre me saíste uma revolucionária... (Beirão, 1965, p. 68).

Esse era o momento de lutar por melhores condições para as mulheres, que se encontravam confinadas em um espaço limitado, um lugar de marginalização,

onde eram “[...] as eternas vítimas do destino, os costumes, da força física do companheiro que as atormenta...” (Beirão, 1965, p. 69). O discurso de Raquel era complementado pelo posicionamento do senhor Vigário, que, apesar de ser homem, tinha consciência da situação das mulheres e reconhecia que a sociedade frequentemente as colocava em desvantagem:

- A grande arte consiste em tirar da vida o máximo partido, não entristecendo com as ferroadas do destino. Em todas as idades, em todas as classes sociais e em todos os tempos se sofre... A coragem é um fator importantíssimo para se resistir aos agravos da sorte. Coragem e boa disposição são a alavanca poderosa para sustentar de pé aqueles a quem a violência dos embates pretende precipitar no abismo (Beirão, 1965, p. 71).

Neste trecho, percebe-se que a autora enfatiza a mulher enquanto figura que enfrenta desafios em todas as eras e, ainda assim, demonstra resiliência ao superar as adversidades da vida. Conforme assinala Heleieth Saffioti (1976, p. 19), “[...] a mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher”. Nota-se que tanto Raquel quanto o senhor Vigário são personagens que lutam pela igualdade de gênero, deixando clara a intenção da autora de gerar a conscientização dos leitores sobre o tema: “O senhor Vigário é um feminista tremendo... – Sou a favor dos que sofrem e dos oprimidos. A mulher, entre nós, é ainda uma escrava” (Beirão, 1965, p. 78).

Raquel, ao conseguir o empréstimo, dá continuidade ao seu plano, adquirindo os bois. Sua relação com o filho de Rita seguia tranquila, sempre acompanhada do senhor Vigário, que estava ao seu lado, orientando o jovem rapaz, sobre seus compromissos:

[...] o que queremos é que saibas cumprir o teu dever, cuidando dos bois de forma que não nos faças arrepende do passo dado... – Tenha confiança em mim, senhor Vigário, não se arrepende nunca. Hei-de mostrar-lhes a minha gratidão (Beirão, 1965, p. 98).

O jovem filho da viúva, mesmo oriundo de humildes condições, encontrava-se feliz com o compromisso que assumira e mantinha um foco inabalável em seu objetivo: mudar a realidade tanto de sua própria família quanto da família Gamboa. Devido a sua posição como homem e à inserção em uma sociedade patriarcal, ele gozava de privilégios mais amplos do que uma mulher. Mesmo que Raquel fosse uma jovem dotada de ideias promissoras, encontrava-se aprisionada nas amarras das tradições, que exerciam um silenciamento sobre ela. Essas injustiças decorrentes de sua condição de mulher são novamente evidenciadas em seu discurso:

Podíamos e devíamos administrar cada um o que é seu. Assim devia ser. Mas – o eterno “mas” a entravar tudo, para não desconsiderar o mano varão, temos de nos sujeitar à tutela... aguentar e cara alegre..., mas é desolante, quando sentimos energias e uma vontade de ferro para trabalhar, para guiar o barco, vermo-nos amarfanhados pela força invencível dos costumes antiquados que não deixam respirar (Beirão, 1965, p. 122 -123).

No discurso da protagonista, é clara a sua indignação diante dos conservadores costumes da sociedade. Dentro deste cenário, o senhor Vigário desafiava a tradição patriarcal, ao emitir sua opinião sobre Raquel: “– Tu é que devias ser o homem desta casa. O Fernando é um tímido. Tem receio de tudo, especialmente do “parece mal”. (Beirão, 1965, p. 123). Esse trecho reafirma que Raquel possuía maior proatividade para resolver questões socioeconômicas de sua família do que seu irmão, ao preferir assumir riscos a se conformar com sua condição.

Com o primeiro passo do plano dado, todos estavam felizes, a exemplo da mãe do jovem rapaz: A Rita andava radiante... Aqueles boizinhos, pensava, seria a chave da sua independência. Estava ali o futuro dela, do filho e da menina Raquel.” (Beirão, 1965, p. 127). Os bois eram a esperança de um futuro melhor para ambas as famílias, porém, o inesperado ocorreu: “– Desapareceu, senhor Vigário... O meu filho fugiu.” (Beirão, 1965, p. 129).

Nesse momento, ao ouvir a conversa, Raquel permaneceu silenciosa e calma. Em meio àquela terrível tragédia, seguiu seu instinto feminino e optou por não denunciar o ocorrido. Em suas palavras, ela não queria que o jovem fosse preso e ganhasse fama de ladrão em sua comunidade. Os anos passaram e a vida voltou à normalidade. Depois de dois anos da fuga, chega uma carta vinda do Brasil para Rita, escrita por seu filho Zé, que logo se dirigiu a Raquel e ao Vigário para compartilhar a notícia. A carta dizia o seguinte:

Perdoe o meu silêncio e o desgosto que lhe dei. Tinha de ser assim. Sem a violência da partida em tão antipáticas condições, eu não podia realizar o meu sonho. Mãe, peça perdão por mim à senhora D. Raquel e ao senhor Vigário. Parti. Vendi os bois e, com esse dinheiro, embarquei. Há muito tinha esse plano. A bordo, encontrei almas boas, gente sã e, entre essas, um senhor que me abriu as portas da sua casa e me empregou. Tem-me protegido de tal forma que por esta mesma via vai um cheque com a importância dos bois e dos juros (Beirão, 1965, p. 140).

Assim, a vida voltou a sorrir para todos em Vila Bela. A carta do jovem rapaz trouxe a esperança, proporcionando uma sensação magnífica de vitória. Mesmo diante das adversidades, Raquel conseguiu superá-las com dignidade, tornando-se um exemplo de coragem. Ela é uma mulher que sabe lutar e acredita em um futuro

melhor, demonstrando que todo o esforço vale a pena. Depois desse acontecimento, uma verdadeira aventura ariscada para ambos os envolvidos a vida em Vila Bela, ficou mais tranquila, Raquel conseguiu organizar as finanças da sua família, e Rita começou a ter uma vida mais sossegada, longe das dificuldades financeiras: “Os Gamboas viviam com grande desafogo. A Rita estava uma figurona... O filho mandava dinheiro à farta, e ela sabia governá-lo com critério” (Beirão, 1965, p. 237).

Após superar os desafios e alcançar a estabilidade financeira de sua família e transformar a vida de Rita, Raquel demonstrou que, mesmo sendo mulher, conseguiu ter a coragem de colocar em prática um plano arriscado para todos os envolvidos, especialmente para sua família. Com essa atitude, ela evidenciou sua força e autonomia, agindo de maneira contrária ao que era esperado das mulheres de sua época. Isso é corroborado pelo discurso de sua irmã Maria Cândida, durante uma conversa com o senhor Vigário, no qual ela aborda a realidade da condição das mulheres daquela época:

– Nós não temos tido mocidade, senhor Vigário... Preocupações, trabalhos, lutas sempre, faltas que se tornam muito mais torturantes quando se têm de guardar as aparências. Nas classes baixas, as falhas de dinheiro são muito mais suportáveis. (Beirão, 1965, p. 201).

No discurso de Maria Cândida, fica evidente que o principal obstáculo enfrentado reside nas questões de gênero. Dentro do contexto delineado por Gayatri Spivak (2010, p. 14-15), “se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero”. Isso se reflete na situação da família Gamboa, onde sua irmã, por ser mulher, estava impedida de tomar decisões e buscar soluções para resolver a crise econômica que assolava a família. Como resultado, ela teve que agir secretamente.

Além disso, outro obstáculo presente na família Gamboa complicava a resolução do problema financeiro: a postura de seu irmão Fernando. Devido à necessidade de manter tradições e, especialmente, as aparências, Fernando continuava a seguir os costumes das gerações passadas de sua família. Contudo, a realidade de outrora havia mudado e a família estava cada vez mais próxima da falência, o que exigia que ações fossem tomadas para evitá-la. Foi então que a ousadia de uma mulher da família, Raquel, quebrou com esse costume, buscando ativamente uma solução para o dilema financeiro da família.

Após um tempo, Zé retorna a Vila Bela, trazendo alegria a todos da vila. Houve uma atmosfera de felicidade e confraternização com a volta do jovem, que trazia consigo notáveis qualidades. Logo se sentiu atraído pela filha de Raquel, a jovem Helena. Um novo amor começou a florescer, unindo novamente as famílias por meio desse destino entrelaçado:

Foi numa linda manhã de Abril, no meio da alegria geral, que se uniram para sempre Maria Helena, a fidalguinha da Barrosa, e o Zé da Rita, o camponês que conseguiu triunfar na vida. (Beirão, 1965, p. 276).

Os acontecimentos destacados foram cruciais para ressaltar a ação de Raquel. O desfecho feliz das famílias é o resultado das atitudes de mulheres que, mesmo em situações vulneráveis e desafiando as convenções tradicionais da época, conseguiram fazer a diferença. Segundo Michelle Thalyta Pereira et al. (2022), os movimentos feministas contribuíram para traçar uma nova trajetória de vida para as mulheres, colocando-as em um lugar de valorização.

Nesse contexto, Raquel se destaca como um exemplo de determinação e coragem ao executar um plano que, no final, obteve resultados positivos. Além dela, Rita também merece destaque. Uma mulher de classe baixa, marginalizada em duas frentes: como viúva e mãe solo; tais características a colocavam em uma posição ainda mais marginalizada. Apesar dessas adversidades, ela conseguiu educar seu filho e moldá-lo em um homem diferente daqueles da sua época. Cabe salientar que, na década de 60, como pontua Manuela Tavares (2008, p. 119), “a segunda vaga dos feminismos centrou-se na autonomia do sujeito-mulher, na sua liberdade de escolha em todos os campos: da profissão, ao amor, à sexualidade”.

Diante das reflexões presentes na obra literária, dois pontos se destacam: em primeiro lugar, a obra tece uma crítica à condição da mulher em uma sociedade patriarcal; em segundo lugar, ela ressalta que é por meio da luta que se pode alcançar a vitória e atingir os seus ideais. Assim, ao expor os discursos de Raquel e de alguns de seus interlocutores, a autora estabelece um cenário de batalha dentro da ficção. De acordo com Michelle Thalyta Pereira (2021), os romances de Sara Beirão apresentam a força feminina por meio de suas personagens, em favor de uma sociedade com maior igualdade de gênero. Assim, a produção literária de autoria feminina tem como objetivo chamar a atenção do leitor para as questões relativas à condição da mulher, visando romper com uma tradição que perpetua a desigualdade entre os gêneros.

Considerações finais

O percurso literário de Sara Beirão foi marcado pela luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Através de sua escrita, ela retrata a força e coragem da mulher na busca por igualdade e autonomia, trazendo à luz as questões de gênero e evidenciando as dificuldades enfrentadas pela mulher portuguesa para alcançar seus direitos. Nessa perspectiva, Luiza Lobo (2011) observa que a literatura de autoria feminina se destaca por ser uma expressão consciente do papel social.

A partir dessa análise inicial, a escritora demonstra essa conscientização do papel social da mulher. Ao considerar os discursos da protagonista Raquel e de

alguns de seus interlocutores, é possível perceber uma crítica social aos padrões arraigados na sociedade patriarcal, que tendem a silenciar a voz da mulher, negando-lhe participação ativa. Mediante a quebra desses padrões, o discurso da protagonista enfatiza a autonomia feminina. Mesmo dentro de um contexto que busca a sua limitação, ela demonstra coragem e independência ao solucionar os problemas financeiros tanto de sua própria família quanto da família de Rita.

Dessa forma, pode-se afirmar que Sara Beirão utiliza a literatura como meio de crítica ao sistema patriarcal da época, quando apresenta protagonistas femininas que desafiam os padrões tradicionais e conquistam espaços de relevância. Essas manifestações literárias criadas por mulheres provocaram uma série de questionamentos em relação ao papel social da mulher na época, além de valorizar suas conquistas alcançadas ao desafiar esta lógica.

PEREIRA, M. T. C. A.. The portuguese woman in the 60's and her place of speaking in the romance *Triunfo*, by Sara Beirão. **Itinerários**, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 109-122, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *The present study aims to analyze the novel Triunfo (1965), by Sara Beirão, in order to discuss the representation of Portuguese women in the 1960s and their potential to break with the tradition that limited their rights. The plot presents the Gamboa family and their financial problems. Of the five “orphan” brothers, Raquel becomes the guide in search of solutions for the family’s financial situation. During the course of the plot, the forms of manifestation of the protagonist’s intelligence were highlighted, at the time, considered to have no space for time and voice. Through the demands presented in the novel, both by the character Raquel and by some of her interlocutors, it is possible to observe that the authorial voice emphasizes female autonomy, although it is still a patriarchal context. As a theoretical contribution to this study, the discussions were guided by critics and theorists, such as Chatarina Edfeldt (2006), Célia Rosa Costa (2021), Fabio Mario da Silva (2014), Gayatri Spivak (2010), Heleieth Saffioti (1976), Isabel Lousada (2015), João Esteves (2001), Manuela Tavares (2008), among others.*

■ **KEYWORDS:** *Novel. Female authorship. Sara Beirão. Gender issues. Woman’s condition.*

REFERÊNCIAS

BEIRÃO, Sarah. **Triunfo**. Coleção Portuguesa. Porto: Editora, 1965.

COELHO, Nelly Novaes. O Discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa. **Via Atlântica** n. 2, 1999. p. 120-128. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48738>. Acesso em: 22 dez. 2023.

COSTA, Célia Rosa Batista. **História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)**. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), Editora: Tinta da China, Lisboa/Portugal, 2021.

Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4084>. Acesso em: 19 dez. 2023.

EDFELDT, Chatarina. **Uma história na História: Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX**. Montijo: Câmara Municipal do Montijo. 1ª ed., 2006.

ESTEVES, João. Os primórdios do feminismo em Portugal: a 1ª década do século XX. **Penélope**: revista de história e ciências sociais, ISSN 0871-7486, Nº. 25, 2001, págs. 87-112. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2654444>. Acesso em: 22 dez. 2023.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

LOUSADA, Isabel. Mulheres como nós? Da visibilidade ao mito – estratégias eficazes. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 19, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/26197>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MEDEIROS, Aldinida. Quando a romancista é ativista pelos direitos humanos e feminismo: Sarah Beirão e suas protagonistas. **Revista Incomunidade**, 2021. Disponível em: <https://www.incomunidade.pt/quando-a-romancista-e-ativista-pelos-direitos-humanos-e-feminismo-sarah-beirao-e-suas-protagonistas-aldinida-medeiros/>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PEREIRA, Michelle Thalyta Cavalcante Alves. **Problematização da condição da mulher no início do século XX em sozinha e um divórcio, de Sarah Beirão**. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). – Universidade Estadual da Paraíba Campina Grande, 2021.

PEREIRA, Thalyta Alves. MEDEIROS, Aldinida. LOUSADA, Isabel. Reflexões sobre educação, família, casamento e condição feminina em *Um divórcio*, de Sarah Beirão. **Revista: Interfaces Científicas - Educação**, 11(2), 2022, p. 134–151. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10499>. Acesso em: 22 dez. 2023.

SAFFIOTI, Heleith. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

SILVA, Fabio Mario da. **A Autoria Feminina na Literatura Portuguesa – Reflexões sobre as Teorias do Cânone**. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TAVARES, Maria Manuela Paiva Fernandes. **Feminismos em Portugal (1947 – 2007)**. 2008. 603f. Tese (Doutorado). Universidade Aberta. Departamento em Estudos sobre as Mulheres. Especialidade em História das Mulheres e do Gênero. 2008. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

